

Carro do Louca

Março! há mil beijos de
flores
Abrindo pelas campinas...
— Gritos de amor que
nos falam
Das maravilhas divinas

ANO XXI-N.º 1.031- Aveiro, 10 de Março de 1951

SEMANÁRIO CATÓLICO E ÓRGÃO DA DIOCESE
Composição e imp.-Minerva Central-Telefone 374-Aveiro

DIRECTOR: P. Manuel Caetano Fidalgo

EDITOR: P. António Augusto de Oliveira

ADMINISTRADOR: P. Manuel Rei de Oliveira

Propriedade da Diocese de Aveiro

Redacção e Administração (AVENÇA)

PAÇO EPISCOPAL-TELEFONE 154-AVEIRO

O COMUNISMO, O FARISAÍSMO E O ESPÍRITO VICENTINO

II

pelo PADRE ANÍBAL RAMOS

O conceito que o capitalismo forma da miséria será, acaso, mais humano e razoável? É o que vamos ver em rápida análise. Na sociedade capitalista a propriedade particular existe; teoricamente mesmo, o acesso a ela é facultado a todos os homens. A prática, porém, mostra claramente que os bens estão na mão de poucos, enquanto a miséria atinge a maioria. Para o dinheiro vão o poder, as honras, a grandeza. Na luta pela existência, o capital ocupa um lugar de imerecido relevo em prejuízo do trabalho humano. A pessoa, sacrificada ao dinheiro, perde a dignidade a que tem absoluto direito. A miséria atasta perante a indiferença dos grandes que olham para o pobre como um ser inferior a quem se dá uma esmola em certas épocas do ano, porque é tradição.

Este conceito farisaico da caridade, vibrando golpe mortal na fraternidade humana, é, sob certos aspectos, ainda mais injusto e cruel do que o conceito comunista. O rico deixou de ver no pobre uma imagem de Deus, um irmão, com direitos iguais aos seus, para o considerar um pária da sociedade, indivíduo repelente que só serve para estorvar as demoradas digestões dos seus estômagos abarrotados ou o gozo ilícito dos prazeres sensuais. Mas na sociedade capitalista há também rasgos de discutível humanidade no auxílio mútuo dos centros maçónicos; na refinada falta de caridade dos «bailes de caridade»; nos numerosos anúncios de bodos aos pobres, servidos por pessoas da melhor sociedade, na quadra do Natal e Ano Novo! Será isto, porém, amor ao pobre e solicitude em tirá-lo da situação humilhante em que se encontra? Este conceito farisaico, que não procura o pobre mas o amor próprio, que busca a vaidade em vez do desinteresse, que em lugar de descer ao casebre sujo e nojento do pobre, o obriga a aparecer nas praças públicas e às portas das igrejas para mostrar bondade que se não tem ou caridade que se não possui, este conceito farisaico é a condenação da sociedade que o aprova ou permite.

*

Diante da actividade comunista e farisaica, desiguais nos seus métodos e objectivos, mas semelhantes nos resultados práticos a que chegam, ergue-se a posição vicentina, triunfante e incomparável quer na finalidade a atingir quer nos processos a empregar. O vicentino não se resigna com a injustiça que vê à sua volta; a caridade que o anima não se conforma com tal estado de coisas. «Não faz parte da perfeição cristã, escreve S. Tomás, suportar de bom grado os agravos infligidos aos nossos semelhantes». O espírito caritativo abre de par em par as portas da justiça e não descansa enquanto as exigências normais do trabalhador e do pobre não forem suficientemente reconhecidas. Seria, portanto, má compreensão supor que a esmola pode substituir o salário, que a assistência deve ocupar o lugar da justa remuneração. Conforme ensina Pio XI, na encíclica «Quadragesimo Anno», «a caridade não deve funcionar como uma substituição dos deveres de justiça que abusivamente deixam de ser cumpridos». Os comunistas caluniam-nos quando nos acusam de usarmos a caridade como sucedânea da justiça. De facto, a caridade é precursora, ao mesmo tempo que completa a obra da justiça.

A sua aliança, longe de diminuir o alcance de qualquer delas, tem mostrado que consegue aumentar-lhes a capacidade e eficiência.

Imaginemos agora que um dia o ódio, a ambição e a avareza desapareciam da face da terra, dando lugar a uma justa distribuição de riquezas em que o trabalho seria humanamente retribuído, as necessidades normais regularmente satisfeitas e a miséria finalmente vencida. Mesmo assim o espírito vicentino seria indispensável para sanar as feridas espirituais da alma, as angústias morais que minam a resistência mais forte e enfraquecem o entusiasmo mais vibrante.

O Turismo é uma obra que depende de todos

afirmou o senhor Presidente da Câmara, na cerimónia de posse da nova Comissão Municipal de Turismo.

Tomou posse no dia 3 do corrente, conforme havíamos noticiado, a nova Comissão Municipal de Turismo. O acto revestiu-se de certa solenidade. O senhor Dr. Álvaro da Silva Sampaio, ilustre Presidente da

Câmara Municipal de Aveiro, pronunciou um oportunitíssimo discurso. Entendemos dever publicá-lo na íntegra, para que todos os aveirenses dele possam tomar conhecimento.

«Meus Senhores:

1 — Minado de preocupações e cheio de trabalhos, entrecarado por falta de saúde, seria desculpável não usar hoje aqui da palavra. Mas tão raras vezes falo directamente aos munícipes aveirenses, tão pouco contacto tenho com eles, que achei preferível mais este sacrifício a calar algumas considerações que me sugere o acto de posse da nova COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO.

Esta explicação prévia era necessária para afirmar a V. Ex.^{as} que não foi o prazer do exibicionismo — tão pouco do meu agrado — que me levou a convidá-los para esta reunião, a fim de escutar com a melhor boa vontade, direi mesmo com resignação, as palavras que vou proferir, mas unicamente o interesse de Aveiro, da nossa terra, que todos nós desejamos mais progressiva, mais atraen-

te, mais bela. Simultaneamente aproveito esta oportunidade para solicitar dos presentes a sua colaboração na tarefa que a Comissão Municipal de Turismo está resolvida a levar a efeito. Este pedido não é um pedido protocolar: é solicitação para uma colaboração interessada da parte dos aveirenses. Sempre pensei que o Turismo é uma obra que depende de todos, desde o homem da rua até à individualidade mais categorizada, porque é redutível a civilização, hospitalidade, agrado. Por isso nesta hora apelo para todos os presentes para se interessarem pela vida local e abandonem o condenável comodismo de não quererem saber de coisa nenhuma que importe à colectividade.

Primeira iniciativa

2 — Há trinta anos, Mário Duarte, Dr. Lourenço Peixinho, Dr. Alberto Souto e Albino Pinto de Miranda, fundaram um organismo denominado COMISSÃO DE INICIATIVA E TURISMO, mas por

(Continua na 8.ª página)

Comunhão Pascal das Crianças

E' amanhã a comunhão pascal colectiva das crianças de Aveiro.

As crianças são flores que se abrem para a luz da vida, cheias de frescura e de perfume. E' junto delas que o Senhor mais gosta de estar. «Deixai vir a mim os pequeninos...»

Que os pais e educadores não as impeçam de ir à Sé Catedral, amanhã, para de lá trazerem a força e alegria do Pão dos Anjos, que as guarde e preserve de todos os perigos.

A santa Missa, celebrada pelo Senhor Arcebispo, começa às 8,30 horas.

TE-DEUM NA SÉ, NO ANIVERSARIO DA COROAÇÃO DO SANTO PADRE

Ocorre na próxima segunda-feira o 12.º aniversário da coroação do Sumo Pontífice Pio XII, gloriosamente reinante.

Em toda a cristandade se levantam preces ao Altíssimo, suplicando que encha de graças e bênçãos o Vigário de Cristo e torne largo e fecundo o seu apostolado.

Sua Ex.^a Rev.^a o Senhor Arcebispo determinou que nesse mesmo dia seja cantado solene Te-Deum, na Sé Catedral, por essa piedosa intenção.

A cerimónia, presidida pelo venerando Prelado, começa às 17,30 horas.

A propósito de S. Tomás

pelo DR. A. SARAIVA DE CARVALHO

É significativo quanto se passou entre nós desde o estalar da última guerra, no tocante a normas de conduta intelectual e com respeito à apreciação das ideias e acções dos homens em luta, da sua justiça e verdade. As ideias políticas e religiosas, professadas antes, nem sempre conseguiram irmanar nesse momento todos os seus adeptos, do que resultou uma desconexão mental e activa nos agrupamentos de todas as bandeiras; assim se rasgaram brechas nos católicos, monárquicos e republicanos, por onde passavam nos dois sentidos os que desertavam e aderiam.

Este espectáculo desedificante autoriza-nos a apreciar o panorama universal: em toda a parte se está vivendo e acentuando o que para nós foi desordem em pequena escala, e vem gerando alguns embaraços, já não digo ao humano, mas ao político e nacional.

Doutra maneira não pode ser, quando não vemos a convicção arraigada dos princípios e a submissão a quem quer que os personifica ou representa, sem o que a comunidade descamba em partidos ou parcelas. Grassa, com toda a evidência, a falta de unidade na or-

(Continua na 4.ª página)



Comissão Municipal de Turismo

Realizou-se no sábado passado, como fôra anunciado, a cerimônia da tomada de posse dos novos membros da Comissão Municipal de Turismo.

Ao acto, que foi presidido pelo senhor Dr. Alvaro Sampaio, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, assistiram algumas entidades oficiais convidadas e outras pessoas da cidade.

Após a leitura do auto de posse, o senhor Presidente da Câmara pronunciou o importante discurso que hoje publicamos com o devido relevo.

O vereador senhor Arnaldo Estrela Santos, Presidente da nova Comissão Municipal de Turismo, agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e afirmou esperar a mais leal colaboração da Câmara, dos seus colegas, de todos os aveirenses e do Comandante da Polícia de Aveiro, que muito têm já contribuído para tornar a cidade cada vez mais progressiva, mais atraente e mais bela.

Finalmente, referiu-se ao papel que a imprensa pode desempenhar em prol desta obra comum, e da qual é justo esperar também o melhor interesse e auxílio.

Generosas ofertas

A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro recebeu, ultimamente, algumas ofertas.

Pelas casas representantes e por intermédio dos seus agentes nesta cidade, cujos nomes nos foi vedado revelar, foram recebidos dois aparelhos de T. S. F., com destino às enfermarias do Hospital.

Os senhores Dr. António Tavares Lebre e José de Pinho ofereceram quatro quadros a óleo que, juntos a outros que a Santa Casa da Misericórdia já possuía, oferecidos pelos seus autores, constituem uma pequena galeria. Oportunamente se resolverá sobre a conveniência de conservá-los ou vendê-los.

Estas generosas ofertas deveriam ser um estímulo. A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, que tem realizado, muito especialmente através do Hospital, uma obra digna dos melhores elogios, muito necessita e merece o auxílio de todos.

Novo funcionário do Governo Civil

No passado dia 2 do corrente, tomou posse do cargo de 2.º oficial do Governo Civil de Aveiro o nosso conterrâneo senhor Elias Gamelas de Oliveira Pinto, que exercia as funções de tesoureiro da Câmara Municipal de Estarreja.

O *Correio do Vouga* cumprimenta o novo funcionário.

Dr. Alvaro Sampaio

Afim de tomar parte nos trabalhos da Câmara Corporativa, partiu na passada terça-feira para Lisboa o senhor Dr. Alvaro Sampaio.

Farol de Aveiro

Não foram exactas todas as notícias postas a correr sobre o caso do Farol de Aveiro, atacado pela força do mar nos últimos dias de maior tempestade.

No passado domingo, muitas pessoas visitaram a povoação da Barra, no intuito de verem os resultados do ataque do mar à defesa da praia do Farol. Também nós lá estivemos, observando que a defesa da praia estava muito adiantada, já em razoáveis condições de resistência a novo ataque, e que o mar não havia atingido em nada o edifício do Farol.

No desejo de trazer bem informados os nossos leitores, colhemos pormenores a respeito do molhe norte, cujas obras continuam em ritmo normal. Ainda no último sábado foi construído um troço de 6 metros, e está a seguir-se a construção de outro, de igual comprimento.

Dr. Mário Duarte

Foi promovido a cônsul de 1.ª classe e colocado em Hamburgo o nosso bom amigo e ilustre conterrâneo senhor Dr. Mário Duarte, que exercia iguais funções em Marselha.

Ainda há pouco nos referimos no nosso jornal à merecida homenagem que lhe foi prestada. Novamente o felicitamos, desejando-lhe as maiores felicidades pessoais e os melhores êxitos no desempenho do seu novo cargo, esperando que continue a honrar o nome da nossa terra.

Cinema

Secção de actualidades

1 — Gary Cooper vai reaparecer no filme em technicolor «*Distan Drums*».

2 — Jane Wyman, a genial intérprete de «*Belinda*» está a filmar uma película com Bing Crosby e Franchot Tone.

3 — «*A Aldeia de Bernard Shaw*» é um filme de curta metragem que será filmado na aldeia onde viveu o malgrado escritor, o qual aparecerá em pessoa, numa cena muito curiosa com Danny Kaye.

4 — O Festival Cinematográfico Mundial realiza-se este ano no Urugay. A Espanha, Inglaterra, Itália, Estados Unidos e a França são os principais concorrentes.

(Informações da S. I. F.)

Sessão extraordinária

Na próxima quarta-feira, dia 14, será exibido no Teatro Aveirense a interessante película portuguesa «*O Costa do Castelo*» com Milú, António Silva, etc.

Esta sessão, que todos os anos o Teatro Aveirense dedica ao seu pessoal, merece a compreensão e o carinho dos habituais frequentadores da casa.

NA TELA

HOJE:

«*O Grande Assalto*» — Película policial e de aventuras, reservada para adultos.

AMANHÃ:

«*A Mulher de Monte Cristo*» — O filme conta-nos a luta que o Conde Monte Cristo e a mulher travam com três exploradores do povo. A fita não convém a crianças. Exibe-se no Teatro Aveirense.

«*Miguel Strogoff*» — Película movimentada e cheia de lutas. Nada há que ofenda a moral de maneira grave; simplesmente as cenas violentas não recomendam o espectáculo para crianças. Exibe-se no Cine-Avenida.

«Arquivo do Distrito de Aveiro»

Foi distribuído o número 63 desta prestimosa revista, relativo a Julho, Agosto e Setembro de 1950, e que traz colaboração de José Tavares, Fernando de Castro da Silva Canedo, Augusto Soares de Sousa Baptista, Vaz Ferreira, J. Branquinho de Carvalho, Alexandre do Amaral, Francisco Ferreira Neves, Alfredo dos Santos e A. Saraiva de Carvalho.

Arcebispo-Bispo de Coimbra

Esteve em Aveiro na quinta-feira passada Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Ernesto Sena de Oliveira, venerando Arcebispo-Bispo Conde de Coimbra; fazia-se acompanhar pelo seu secretário particular rev. Padre Manuel Cardoso de Carvalho.

Cortejo de Oferendas

Recebemos as contas de receita e despesa relativas ao último cortejo de oferendas em benefício do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro. A elas nos referiremos no próximo número.

Exposição de pintura

Foi inaugurada no dia 7 do corrente, na sede do Clube Beira-Mar, uma exposição de pintura do artista Carlos Ramos, que se prolonga até ao próximo dia 21. Tem sido muito visitada.

Vida de Sociedade

Fazem anos, pelo que o *Correio do Vouga* os felicita, desejando-lhes as maiores venturas:

Amanhã — P.º José Eduardo da Silva Matos.

Em 12 — Dr. Querubim Guimarães, P.º José Henriques da Eira Bastos e Eng. José Rodrigues dos Santos.

Em 13 — Mons. Panteão José Costeira.

Em 14 — Jorge de Pinho Neto Brandão, Dúlio Barreto Rosette, e Jorge Manuel Pericão Seixas, filho do sr. Raúl Seixas.

Em 15 — D. Arminda da Costa Cerqueira, esposa do sr. Eduardo Cerqueira, D. Belmira de Aguiar Oudinot e Capitão Luís Paula Santos.

Em 16 — Egas da Silva Salgueiro.



Cantoras do Postigo do Sol

O maestro Vergílio Pereira voltou a Aveiro com as suas «Cantoras do Postigo do Sol» e tanto é dizer que proporcionou ao público aveirense, tão sensível à boa música, um alto prazer espiritual. As «pequenas cantoras» cresceram em estatura, física e artística. A segurança que se admirava da primeira visita, com uma pureza de fins cristais, é agora ainda mais notória e notável. O conjunto, desta vez menos numeroso, mas de selecção mais apurada e mais cabalmente coordenado, vence as dificuldades com aquela aparência de facilidade que tem por traz a aplicação e o saber, constituindo, sem dúvida, o coral de câmara de melhor qualidade que nos tem visitado. A par de uma afinação que poderemos dizer impecável, de uma invulgar homogeneidade e de uma grande capacidade de interpretação, mantêm a frescura e o poder de alicante comunicabilidade, e responde como um instrumento ao que lhe pede a sensibilidade do maestro. Em certos momentos, e mais nitidamente na «Misericórdia, Senhor!», de Gonçalo Sampaio, tivemos a ilusão de

ouvir um órgão, tocado por um instrumentalista de alta classe. Muito bem expressa a polifonia religiosa, o belo trecho, cheio de misticismo, de Bach, e, na generalidade todo o programa. Apenas gostaríamos de um ritmo menos dolente nas canções populares.

Vergílio Pereira, que nesta obra de cultura musical põe toda a sua rara sensibilidade, a sua competência e uma incansável tenacidade, correspondendo aos aplausos calorosos e compreensivos do público, deu três números extra-programa. O apuramento do conjunto permitiu que fosse dispensada a regência, a despeito da responsabilidade de qualquer deles. Enfim, as «Cantoras do Postigo do Sol» proporcionaram-nos uma noite de encanto.

— Num dos intervalos, o sr. capitão Firmino da Silva, ilustre comandante da P. S. P. e dedicado presidente da comissão administrativa do Albergue de Mendicidade, saudou em termos muito carinhosos e elogiosos o magnífico grupo coral e agradeceu-lhe a deferência generosa de destinar uma parte do produto para aquela instituição de assistência.

CORAL ALELUIA

Na passada segunda-feira o aplaudido Coral Aleluia cantou mais uma vez para a rádio, sob a regência do senhor Carlos Aleluia. O programa, com algumas peças, em primeira audição, foi totalmente preenchido com música popular, esplendidamente cantada, não obstante as grandes dificuldades de diversos trechos.

O agrupamento orfeônico das Fábricas Aleluia não descansa nos loiros

conquistados e cada novo recital mostra mais acentuados progressos, maior coesão e homogeneidade, maior nitidez e justeza de interpretação. Esta última emissão para a rádio representa, sem dúvida, mais um triunfo, que muito nos alegra registar, tanto ele se reflete não só no conjunto e no estabelecimento a que ele pertence, mas no próprio prestígio da nossa terra.

Crónica internacional

A 14.ª crise ministerial francesa.

Caíu o Ministério de Plevén, na sequência «suicida» de um regime que, por ser de liberdade, não exclue a de brincar aos Ministérios, transformado o jogo das partidas numa espécie de futebol político em que nenhum dos jogadores, pelas suas forças próprias, consegue meter o goal das competições vitoriosas, deixando campo aberto a confusões em que se vê e se deseja para encontrar solução capaz quem, pela Constituição, é o árbitro supremo nestas pugnas habituais da família demo-liberal, fraccionada em tantas fações quantas inspira não o interesse supremo da nação ameaçada de desagregação maior, mas a conveniência mesquinha de baralhar as cartas para tornar a dar com a maior esperança de melhores trunfos.

Auriol, Presidente da República, desta IV.ª República que segue na esteira das que lhe antecederam, procura mais uma vez (tantas tem sido já depois que foi eleito para o espinhoso cargo!) pôr um fundo novo na carcassa governamental que não se aguenta naquele turbilhão de vagas alterações sem que, postos de lado os remendos, garantia fraca de curta permanência, opõe a França por uma substituição radical da fragilíssima nau do Estado.

E lá andam em jogo as já conhecidas e experimentadas figuras desta actual República, a cuja porta bate o Presidente, ansioso por dar um Governo ao país que, em qualquer época e sobretudo nesta que se atravessa, de dificuldades internas e externas excepcionais, se apresenta de urgente necessidade.

Bidault, ainda há pouco destituído do Governo, Queleue, também já experimentado e destronado, Mollet etc., etc., cansadas figuras deste jogo da bola, interminável, sem que, até ao momento em que se escreve esta crónica, tenha obtido resultado positivo.

Andou Plevén pela Inglaterra e pela América, por Londres e Washington, a aplanar dificuldades, a conseguir entendimentos difíceis, com a primeira por causa do plano Schumann, outro destronado, e do rearmamento alemão; com a segunda para acordos nesses problemas e na formação de um exército europeu em que a França fosse dado o lugar que lhe compete no plano continental da agressão esperada. Andou pela Itália também com o seu Ministro dos Estrangeiros e estes e os respectivos colegas italianos — De Gasperi e Conde de Sforza — confabularam longamente sobre os problemas mediterrânicos, integrados na defesa da Europa, no possível arranjo dum novo Pacto, que se estendesse ao Próximo e Médio-Oriente, com o entendimento turco-grego e talvez jugoslavo. E em todas estas

andanças não foi esquecido o plano da anunciada conferência dos 4 Grandes, tudo parecendo sorrir de êxito para afinal se abrir agora um parentesis de interrogações.

Como caiu e por que caiu o Ministério Plevén.

Aqui é que faz sangrar o espinho partidário cravado nas carnes gastas da França democrática.

Caíu o Governo por qualquer questão grave levantada que afectasse a vida económica e política da nação ou representasse perigo para o regime na ordem interna ou na ordem externa? Nalgum caso extraordinário que tornasse impossível manter-se a estabilidade ministerial, dados compromissos tomados pelos governantes, de execução desaconselhada por imprevistos sucessos posteriores? Um caso de guerra, por exemplo, a deflagrar, iminente, que justificasse uma organização ministerial de mais forte consistência?

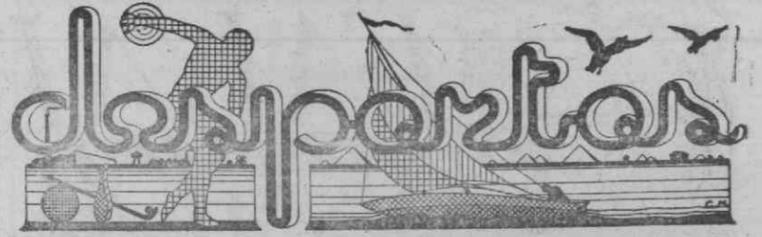
Nada disso. Nenhum problema grave nem na vida interna da França, nem nas suas relações externas, a justificar o alvoroço da Assembleia Nacional, na votação recente em que foi negada a Plevén a confiança e o obrigou a pedir a demissão como

é constitucionalmente consequência de uma tal votação parlamentar.

Toda essa agitação se fez à volta da reforma eleitoral proposta pelo governo e em que se suprimiam as duas voltas eleitorais para ficar só uma.

Problema, já se vê, sem significado de interesse nacional, mas sim de exclusiva conveniência partidária. Só o interesse das clientelas, vício fundamental e insanável das democracias parlamentares, foi ouvido. Poderia perigar a vida e o prestígio da França com essa agitação dos partidos? Que importava isso? O que era preciso era fazer vencer o ponto de vista unilateral do interesse do partido e por isso votar uma reforma eleitoral que lhe desse maiores probabilidades de vitória. Daí, a batalha do Parlamento em que mais uma vez a França, querendo readquirir uma posição de comando na Europa, mostra a sua fraqueza — a sua instabilidade política. Não convinha aos «degaulistas» a proposta governamental. Acamaram com o seu grande inimigo, os comunistas. Não convinha aos do Movimento Republicano Popular? Abstiveram-se... Para outra vez falaremos mais.

Querubim Guimarães



Campeonato Regional de Júniores

Na ante-penultima jornada da prova, a Sanjoanense derrotou o Espinho por longa marca (7-3), e a Oliveirense ganhou em Pegão, por (3-1).

No encontro efectuado em S. João da Madeira, o desfecho representou-se por números algo surpreendentes, fazendo crer numa feliz exibição do vencedor ou numa apagada actuação do vencido. O desnível do resultado não tem cunho de normal, porque o Espinho, que não é positivamente um grupo famoso, não fica tão distanciado do adversário como expressa o marcador.

O Pejão, que se limitou a resistir o melhor possível, cedeu por diferença que não destoa.

Os resultados desta ronda não provocaram qualquer alteração na respectiva tabela.

Quadro da classificação

	J.	V.	E.	D.	F.	G.	P.
Beira-Mar	9	5	1	0	19	3	17-20
Oliveir.	7	4	1	2	15	11	16-16
Sanjoan.	8	2	3	1	22	9	13-15
Espinho	6	1	1	4	10	16	9
Pejão	5	0	0	5	2	29	5

Embora virtualmente já se possa apontar o campeão, o encontro Beira-Mar — Sanjoanense surge pleno de interesse. Na primeira volta o encontro ficou empatado (1-1).

Desta feita, o grupo aveirense, com a vantagem de ser visitado e dispor de melhores naipes, tem possibilidades de desfazer a igualdade a seu favor. O Espinho não enfrentará dificuldades para ganhar por vantagem folgada.

Jogos para amanhã

Em Aveiro:

BEIRA MAR - SANJOANENSE

Em Espinho:

ESPINHO — PEJÃO

Beira-Mar — Salgueiros

Depois do Académico, outro bom grupo do Porto passou pelo Estádio de «Mário Duarte» — o S. C. Salgueiros. O encontro suscitou interesse, como demonstrou o grande número de entusiastas que acorreram ao campo.

O Beira-Mar colecionou mais um triunfo, depois de réplica entusiástica e animadora dos «encarnados» portuenses, que deixaram boa impressão. Os locais, contudo, vincaram presença mais ordenada e consciente, proporcionando as melhores jogadas do encontro com alguns remates de boa urdidura.

Ao intervalo, o Beira-Mar venceu por 1-0, golo marcado por Azevedo. No segundo período, a superioridade dos rapazes aveirenses acentuou-se com mais nitidez, não tendo dificuldade em elevar o marcador para 4-0, com golos de Azevedo (2) e Virgílio.

Os visitantes procuraram diminuir a diferença, mas a defesa dos «amarelo-negros» não se deixou bater.

O vento prejudicou de certo modo a organização do jogo, pois o esférico tomava efeitos caprichosos, que o tornavam difícil de controlar.

Pelo Beira-Mar alinharam: Pereira, Gomes e Ribau; Dias, Aginaldo e Gamelas; Valente, Azevedo, Victor, Virgílio e João Carlos. Arbitrou, com agrado, Eduardo Peixinho, de Aveiro.

Jogos de Passagem

Amanhã, em Albergaria-a-Velha, o Beira-Mar defronta o S. C. de Alba, campeão regional da II Divisão. Jogo de máxima importância para os dois clubes, e de prever luta emotiva e esgotante, com predomínio de muitos nervos.

Também o Lusitania F. C., de Lourosa, sexto classificado do Campeonato Regional da II Divisão, defronta o D. da Mealhada, campeão promocionário da A. F. Aveiro.

O S. C. de Alba homenageou o seu grupo de honra

Albergaria a Velha, 4 — Ontem, nesta vila, mais de 150 desportistas se reuniram para homenagear a turma de honra do S. C. de Alba, que acabou de ganhar, com inteiro merecimento, o Campeonato Regional da II Divisão. Presidiu o sr. Francisco Esteves, ladeado pelos srs. António Vidal, secretário da Câmara, Dr. Manuel Madeira,

treinador do grupo, José Acúrcio e João Garrido, directores do Clube. Foram oradores os srs. Francisco Esteves, J. Acúrcio, João R. Silva, Dr. Manuel Homem Ferreira, Dr. Manuel Madeira, Dr. Marques Alexandre e Fernando Silva (capitão do grupo), que realçaram o feito conquistado pela colectividade e a

(Continua na 7.ª página)

As suas galinhas põem poucos ovos?

EXPERIMENTE AS

RAÇÕES DA Nacional

E OS RESULTADOS FALARÃO POR SI!

ECONOMISE UTILIZANDO UMA RAÇÃO QUE MULTIPLICA A CARNE, OS OVOS E... O DINHEIRO

SEIS COMPOSTOS ALIMENTARES DIFERENTES E TODOS ÓPTIMOS:

GALINHAS POEDEIRAS
GALINHAS DE ENGORDA
PINTOS
PERUSINHOS
COELHOS
POMBOS

EM EMBALAGENS DE 50, 10 E 5 QUILOS

Pedidos ao depositário e agente de vendas em Aveiro e todo o distrito

João Baptista Guimarães

Rua Comandante Rocha e Cunha, 134

Telefone 81

AVEIRO



FALAI, SENHOR...

No Evangelho está a divina resposta

Possa um só de vós provar que cometi um pecado. Assim, porque não quereis acreditar-me, se vos digo a verdade?... Asseguro-vos que antes de Abraão ser nado já eu sou. Os judeus agarraram em pedras para o apedrejarem, mas Jesus escondeu-se e saiu do Templo.

S. JOÃO, VIII

Quantas vezes alguém peca, tantas em si dá a morte a Cristo.

CARDIAL HUGO

A medida estava cheia. O ódio cavava abismos insondáveis de perversidade fria e crua nas almas que se não haviam rendido à graça da palavra de Jesus. Depois, naqueles dias de preparação febril para as solenidades augustas e magestosas da Páscoa, — a festa religiosa que mais fundo entrara no coração dos judeus, — naqueles dias, Jesus desnorteara com a audácia renovadora do seu ensino.

As suas histórias, as suas comparações, os esclarecimentos dados a dúvidas suscitadas, a resposta pronta e irretorquível aos reparos feitos desmantelavam sem remédio uma Tradição que nenhum frémito de vida perpassava, que transpusera a rigidez exangue do cadáver, que se enquistara nas almas em linhas hirtas, agressivas, encadilhadas das grandes cristalizações.

O zelo farisaico pelos usos menosprezados, pela letra sagrada da Tora, que se lhes afigurava sacrilegamente desrespeitada, tomava aspectos de fúria que já nada nem ninguém conseguia conter. «Aquele homem tinha de morrer, não fôsse por ele o povo correr à sua perda».

«Ainda se os derivativos valessem de alguma coisa! Mas não. O prestígio de que Jesus se rodeava parecia obra de sortilégio. E dizer que tal homem surgira da obscuridade, da aldeia mais insignificante da Galileia!

«Dois ou três dias antes, fizera-lhes ele perder uma oportunidade magnífica de pôr um pouco de ordem neste mal ordenado estado de coisas. O castigo da adúltera surpreendida em flagrante teria sido a vitória da Lei contra as doutrinas incompreensíveis de perdão do inovador e ter-lhes-ia acalmado os nervos abalados. A derrota surpreendera-os, fulminante, no momento preciso em que julgavam Jesus irremediavelmente comprometido e desautorizado. Bastara uma simples e bem aborrecida observação: «Pecou? Muito bem: aquele de vós que não tenha pecado atire-lhe a primeira pedra».

João Ninguém

A propósito: S. Pedro Mártir queixava-se um dia da perseguição injusta que lhe era movida: — Senhor, que fiz eu para sofrer esta perseguição? Responde-lhe o Crucificado que ele tinha consigo no cárcere: — E eu que mal fiz para estar pregado nesta Cruz?...

A propósito de S. Tomás

(Continuação da 1.ª página)

dem temporal e, o que é mais grave, na ordem da inteligência.

Por isso mesmo é que Pio XII endereçou aos católicos, no verão passado, a encíclica *Humani generis* que muito útil é recordar para nos acautelarmos contra os erros e falsas opiniões que actualmente ameaçam os fundamentos da cultura cristã. Começa S. Santidade por reconhecer o valor da razão, necessitada, contudo, da revelação para não ficar emaranhada na teia materialista, idealista ou existencialista muito em voga. Que tais erros vegetem à margem da Igreja, não é de espantar; espanta, sim, ter de lamentar os seus efeitos no meio dos católicos mais responsáveis, apesar de muitos fazerem esforços para se não contagiarem.

Haverá, naqueles, a recta intenção de captarem e converterem; mas em face da simpatia pessoal fica curta passagem daí para a transigência que termina no abandono perigoso da doutrina tradicional, perigoso, até, naquilo que o Papa não define, mas propõe e inculca: *Qui vos audit, me audit*. Desta forma nasceram erros veneno-

sos acerca da interpretação bíblica, Eucaristia, Corpo Místico de Cristo e origem do homem, os quais cercam alguns decepcionados pela ciência de nome falso e zelo descuidado das almas. Cautela com o apostolado!

Mas, para que havemos de ceder à corrente que opõe a existência, à essência, que estabelece plataformas comprometedoras, que estende o braço sem distinção alguma, tendo connosco a filosofia do Aquinense, provada, como diz o Papa, pela experiência dos séculos, cheia de valor na investigação da verdade, harmónica com a doutrina revelada, efficacíssima na fundamentação da fé e prometedoras dos melhores resultados no presente e no futuro? Ela deve ser a norma do nosso tempo, apesar de velha, porque é perene; o homem novo e a nova sociedade por ela talharão o seu molde, já que a especulação de S. Tomás atravessou em profundidade e altura o pensamento posterior no estudo de Deus e do homem.

Com efeito, nesta subordinação hierárquica do humano ao divino parece estar o germen da solução procurada à

contenda que aflige os povos divididos em ódios e interesses, por esquecidos do que são e de quem dependem. Os olhos alcançam o que a mão toca e a vontade não procura o que não é ditame pessoal. O mundo está pobre de lógica e ética, e pobre — digamo-lo sem medo —, pobre de teologia.

Assim como S. Boaventura escreveu a redução das ciências à que se ocupa de Deus, assim agora o único processo de salvação é a teologia que nos capacita da nossa filiação divina e da união familiar sob o mesmo Pai. Só ela apaziguará os desavindos.

Há, pois, que obviar à desorientação mental e política por meio da doutrina defendida intransigentemente com a ajuda de S. Tomás, se bem desejamos ver, por entre o frio que nos gela, outra vida brotando nas promessas de nova estação, a mesma que o Santo, no leito da morte do longínquo Março medieval, anunciava aos confrades que só viam a neve a cair incessante:

«Vede, está tão brilhante o Sol. A Primavera! A Primavera!...»

“O Congresso”

O Congresso Nacional dos Homens Católicos, há pouco realizado em Lisboa, alvorçou a consciência católica do país. Foi uma jornada magnífica, da qual muito se pode esperar.

O Congresso é um novo jornal que se propõe evitar que se percam os frutos de tão salutar realização.

Saudamo-lo jubilosamente.

A tua Missa

11 DOM. — *Paixão, 1. cl.* — sd. (roxo) — Mis. pr., 2. or. *Ecclesiae* ou p. Papa, Cr., Pref. da Cruz.

12 SEG. — *S. Gregório, P. C. D.* — dp. (branco) — Mis. *St. diligis, Gl.*, 2. or. e ult. Ev. da Fer., Cr.

13 TER. — *BB. Sancha e Mafalda, Inf. de Port. VV.* — dp. (branco) — Mis. pr., Gl., 2. or. e ult. Ev. da Fer.

14 QUA. — *Da Féria* — sp. (roxo) — Mis. pr., 2. or. *Ecclesiae* ou p. Papa, Pref. da Cruz.

15 QUI. — *Da Féria* — sp. (roxo) — Mis. pr., como ontem.

16 SEX. — *As Sete Dores da B. V. M.* — dp. m. (branco) — Mis. pr., Gl., 2. or. e ult. Ev. da Féria, Cr., Pref. de N. Senhora.

17 SAB. — *S. Patricio, B. C.* — dp. (branco) — Mis. *Statuit, Gl.*, 2. or. e ult. Ev. da Fer.

18 DOM. — Ramos, 1. cl. — sd. (roxo) — Mis. pr., Cr., Pref. da Cruz.

Restaurante “O Arcada,”

No centro da cidade, no café do mesmo nome, nos baixos do ARCADE HOTEL

Serve refeições e à lista

Aceitam-se comensais a preços módicos.

Telefone 424

Notícias da Semana

DE PORTUGAL

Numa entrevista à «United Press», o Senhor Presidente do Conselho afirmou: — Afigura-se-me passado o tempo áureo em que a Rússia podia jogar com o máximo de factores favoráveis de força, prestígio e penetração.

■ Procedente da Inglaterra, onde foi construído, entrou no Tejo o novo paquete português «India», da Companhia Nacional de Navegação, o qual se destina à carreira regular do Oriente.

■ Foram nomeados Subsecretários de Estado da Assistência e das Colónias os srs. Dr. Alberto Ribeiro Queirós e Eng. António Trigo de Moraes.

■ O Subsecretário da Agricultura foi convidado a presidir à entrega das parcelas de terra da propriedade de Sobral e Carvalho de Tolosa.

■ Transferido da diocese de Meliapor, foi nomeado Bispo de Nampula o Senhor D. Manuel de Medeiros Guerreiro.

■ O Senhor Presidente da República concedeu ao C. A. D. C. o grau de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública.

DO ESTRANGEIRO

Demitiu-se o governo francês presidido por Pléven. A crise foi motivada pelo problema da reforma eleitoral.

■ As tropas soviéticas de ocupação na Hungria tiram tudo ao povo e em algumas aldeias passam-se coisas terríveis.

■ Eisenhower conferenciou em Londres com os chefes do Estado Maior Britânico.

■ Agravou-se a situação no Marrocos francês, onde se travou sangrenta batalha entre tropas francesas e nacionalistas árabes.

■ As tropas das Nações Unidas continuam a avançar no sector central da Coreia, embora estejam a enfrentar teimosa resistência.

■ O Rabino de Nova Iorque apoia o protesto do Cardeal Spellman contra o filme sacrilégio «O Milagre», de Rosselimi.

■ Assistir à Missa nas repúblicas dominadas pela Rússia equivale a embarcar para a Sibéria — disse Rádio Vaticano.

Paracasamentos e aniversários

Presentei com artigos da

Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 124

Colossal sortido de lentes

A OPTICA

Tel. 274

AVEIRO

PELA DIOCESE

A Visita Pastoral a Pardelhas

O nosso venerando Prelado visitou pastoralmente, no passado domingo, a freguesia de São Lourenço de Pardelhas, do arcebispo e concelho da Murtosa. Foram inaugurados, ao mesmo tempo, os importantes melhoramentos realizados na igreja paroquial, devidos à grande e saudosa benemerita D. Maria das Dores Tavares de Sousa. O templo apresenta agora um aspecto magnífico, de linhas elegantes, duas novas capelas laterais, novos altares, novos vitrais, novo pavimento em toda a extensão, etc..

Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo chegou às 8,30 horas à capela do Hospital, onde se parou, após ter recebido os cumprimentos do rev. pároco, e dos senhores Presidente da Câmara Municipal e Provedor da Santa Casa da Misericórdia.

Ali foi recebido também o senhor Dr. António Fernando Marques, Governador Civil substituto do distrito, que acompanhou todos os actos da Visita Pastoral.

O Senhor Arcebispo, após a chegada do cortejo à igreja, dirigiu aos fiéis uma primorosa alocução, recordando que foi Pardelhas a primeira freguesia a ser criada depois da restauração da diocese e

fazendo oportunas considerações sobre São Lourenço, orago da paróquia, e o sacramento do Santo Crisma, que a seguir administrou a numerosas crianças e adultos.

Celebrou Missa solene o rev. pároco, Padre Alberto Tavares de Sousa, seguindo-se a visita à igreja, altares, baptistério, imagens, confissionários, paramentos e altares litúrgicas, etc. Na sacristia interior, o venerando Prelado admirou os retratos dos dois grandes benfeitores da igreja, já falecidos: Joaquim Gravato e D. Maria das Dores Tavares de Sousa.

De tarde, houve uma hora de adoração ao Santíssimo Sacramento, e preciosa eucarística à volta da praça do Comandante Jaime Azeiteiro.

As cerimónias terminaram com as preces de sufrágio pelos defuntos, realizadas dentro da igreja em virtude de não ter sido ainda construído o cemitério na nova freguesia.

Por fim, o Senhor Arcebispo reuniu as Irmandades, organismos da Acção Católica, crianças da Cruzada Eucarística e as senhoras da Conferência Vicentina, dirigindo a todos os presentes palavras de muito apreço e estímulo.

Durante esta semana continua a Santa Missão, pregada por dois religiosos franciscanos e transmitida por auto-falantes.

A despedida das crianças austríacas

entre beijos e abraços sem fim

Conforme havíamos noticiado, embarcaram na Estação de Aveiro, no rápido da manhã de terça-feira passada, trinta das crianças austríacas que presentemente se encontram na diocese, entregues ao carinho e protecção das nossas generosas famílias.

A despedida, como era de prever, foi verdadeiramente enternecedora e comovida, tão afeioadas estavam elas já ao encanto dos nossos lares, onde encontraram um ambiente da melhor ternura cristã e da mais rica caridade evangélica. Vimo-las de lágrimas nos olhos, entre beijos e abraços que se trocavam demoradamente, a querer abafar as saudades que era impossível conter. E vimos os seus papás portugueses e tantas pessoas amigas, com pranto igual ou maior ainda, em longo aceno de saudades sem fim.

Ao ver a cena, dolorosa e comovida, nós pensamos quanto é grande e bela a nossa terra, para tanto assim ficar presa ao coração pequeno das pobres crianças vítimas da guerra, que há dez meses vieram cobertas de farrapos, e voltam agora cheias de saúde e de cor, de alegrias e mimos sem conta.

Preservou-nos Deus das calamidades da guerra. Foi uma bênção enorme. Bem andamos nós agora, recolhendo e amparando os que mais sofreram durante o flagelo. E a nossa diocese, graças a Deus, cumpriu com nobreza este quase sagrado dever de caridade. Bem haja ela!

As crianças concentraram-se no Paço Episcopal, às 9 horas, onde se despediram de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo, que lhes dirigiu algumas palavras, distribuindo por todas uma pequena lembrança.

Patronato de Travassô

Recebemos o Relatório da Direcção do Patronato de Nossa Senhora das Dores, de Travassô, em que se apontam as obras realizadas pela benemerita instituição, no segundo ano do seu exercício, os nomes dos principais benfeitores, o movimento do Dispensário, etc..

Este Patronato, que é dirigido pelas Irmãs Missionárias Reparadoras do S. Coração de Jesus, tem exercido notável actividade naquela freguesia, e é de esperar que continue a sua obra de caridade e formação das criancinhas pobres. Assim o desejamos ardentemente.

A OPTICA

Óculos para todos

Tel. 274 AVEIRO

Rádio Renascença

Agadão, 6

São já bem relevantes os serviços que Rádio Renascença, a Emissora Católica Portuguesa, tem prestado à Igreja e ao País.

Basta considerar-se um pouco e logo se vê que a par da imprensa e do cinema ela tem que estar no primeiro plano de realizações modernas de conquista das almas para Deus.

O homem católico de Portugal, consciente das suas responsabilidades na hora presente, mesmo com sacrifício, deve auxiliar esta grande obra, de enorme projecção, inscrevendo-se como sócio de Rádio Renascença, ou pedindo a um amigo, de qualquer credo político ou religioso, que se inscreva.

O contributo de todos, e de cada um, é absolutamente necessário ao bom andamento destas armas modernas de apostolado.

Pela Imprensa

O DEMOCRATA

Entrou em novo ano de vida «O Democrata», semanário republicano de Aveiro. Por esta razão lhe apresentamos os nossos cumprimentos.

Transcrições

A Voz, de Lisboa, transcreveu, na íntegra, o artigo do nosso director sobre o V centenário de Santa Joana Princesa, que ocorre no próximo ano.

Boa Nova, de Cantanhede, igualmente transcreveu, na íntegra, um artigo do nosso venerando Prelado sobre Os direitos dos pequeninos. Agradecemos reconhecidamente a ambos os colegas.

Emissora Nacional

A Emissora Nacional lembra os seus ouvintes, que por qualquer motivo não tenham satisfeito oportunamente o pagamento de recibos da taxa radiofónica, que estes são enviados, findo o prazo de espera, às Execuções Fiscais.

Como o número de recibos em atraso, em débito até ao fim de 1950, inclusive, é, porém, muito avultado, resolveu-se aguardar excepcionalmente o seu pagamento voluntário, no Serviço de Taxas da Emissora Nacional, na Avenida Dr. Sidónio Pais, até ao dia 10 do corrente. Após esta data, os recibos seguirão para as Execuções Fiscais, sem qualquer outro aviso aos interessados.

Na próxima sexta-feira e sábado, realiza-se a reunião de confessores na igreja paroquial, afim de todos os paroquianos poderem cumprir o preceito pascal.

Foram para o Hospital de Rovisco Pais (Tocha) alguns doentes da nossa freguesia.

Esperamos por estes dias a visita à sede da freguesia de algum engenheiro dos Monumentos Nacionais, a fim de se estudar o local onde haja de ser construído o edifício para a escola, oferta generosa do nosso conterrâneo e bemfeitor Manuel Pereira Junior, a quem a freguesia já alguns melhoramentos deve.

Belazaima, 6

Na noite de quarta para quinta-feira, vulgarmente conhecida pela noite de serra-velha, algumas pessoas, não muitas, juntaram-se e andaram pelas ruas a incomodar os moradores que tranquilamente descansavam dos seus trabalhos.

Há durante o ano alguns dias em que, por tradições imemoriais, os homens deixam descer a sua máscara e pela calada da noite mostram de facto aquilo que são, visto que não têm coragem para se mostrarem às claras durante o dia.

E' nestas ocasiões que nós os conhecemos e que eles mostram, sem o saberem, os sentimentos maus, perversos muitas vezes, que se escondem na alma, tendo a ousadia de se dirigirem seja a quem for, pronunciando as maiores inconveniências e aleivosias.

Esperamos que as autoridades locais prestem o seu auxílio a quem se queixou e que para o futuro não se tornem a repetir cenas destas.

De Águeda

Num prédio oferecido pelo Conde de Suceana, vão começar brevemente diversas obras de adaptação, para nele ser instalada a «Casa da Criança». É um melhoramento que trará os melhores benefícios a esta região.

Continua a falar-se, com insistência e interesse, na projectada homenagem ao rev. Padre José Marques de Castilho, justa e merecida por todos os títulos.

Agradecimento

A família de Jacinto Aurélio de Figueiredo, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que, por qualquer forma, se associaram à sua dor, vem fazê-lo, por este meio, muito reconhecidamente.

Aveiro, 27 de Fevereiro de 1951.

A FAMILIA

JUBILEU DO ANO SANTO

No último artigo do nosso distinto colaborador Padre Dr. Leonardo António Pereira, sobre o Jubileu do Ano Santo, saiu uma gralha que entendemos dever corrigir, para não levar a erro qualquer dos nossos leitores.

Onde se lê, na 2.^a coluna: «A norma é que se faça uma das quatro visitas aos templos designados», deve ler-se: «A norma é que se faça cada uma das quatro visitas...».

Récita da J. O. C.

Promovida pelos rapazes da Juventude Operária Católica, realiza-se nos próximos dias 16 e 17 do corrente, no salão da A. C., junto à Sé Catedral, uma récita, cujo programa se apresenta variado e interessante. Principia às 21,30 horas.

VAI CASAR?

Para seu interesse, aconselhamos-lhe que visite a

Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 124

Avanca, 27

Esteve na nossa freguesia o senhor Padre Gasperete, da Congregação do S. Coração de Jesus, italiano de origem, para conseguir uma casa para Seminário.

Cumprimentámos aqui, há dias, o estudante de medicina no Porto, João V. da Costa Leite.

Realizou-se no passado dia 25, 3.^o domingo da Quaresma, a desobriga das raparigas católicas da nossa terra, tendo havido, nos 3 dias anteriores, prática pelo senhor Reitor. No próximo domingo realiza-se a desobriga dos rapazes católicos. Nos 3 dias anteriores haverá prática, à noite, pelo rev. Coadjuutor.

C.

ASSEMBLEIA VICENTINA

Realiza-se amanhã, pelas 15 horas, no salão da Acção Católica, a Assembleia Geral das Conferências Masculinas de São Vicente de Paulo da diocese de Aveiro.

Deve presidir Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo e apresentarão os relatórios das suas actividades as diversas Conferências instituídas na área da diocese.

MOTOS JAWA

A Firma FRAZÃO & OLIVEIRA, L.da tem a honra de informar a sua Il.ma clientela que é distribuidora exclusiva, em todo o distrito de Aveiro, destas inegualáveis motos checoslovacas.

Acceptam-se sub-agentes em alguns concelhos ainda vagos.

FIXE BEM Frazão & Oliveira, L.da — Telef. 484 — Av. Dr. L. Peixinho, 232B — AVEIRO



Raquitismo : incompleto desenvolvimento do organismo.

Raquitismo : deformação óssea e nutrição insuficiente.

Raquitismo : definhamento da criança.

Raquitismo : enfraquecimento das faculdades intelectuais e do senso moral.

O raquitismo combate-se com

Oleo de Fígado de Bacalhau

do arrastão « Santa Joana »

Este ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU é um produto natural obtido por métodos científicos que lhe asseguram a presença de *vitamina A e D* na mais elevada concentração, tão indispensáveis ao *crescimento* e à formação do sistema *ósseo*.

Depositária exclusiva

Farmácia Morais Calado AVEIRO - Telf. 149

Armações - Lentes - Oculos de Sol

APARELHOS DE PRECISÃO

A casa especializada que se impõe!

O maior e melhor sortido

Por preços mais baratos!

Trate da sua vista e da sua bolsa,

Indo sem demora

Consultar

A ÓPTICA

A única casa que vende as famosas LENTES ZEISS

Rua José Estêvão, 23 — AVEIRO — Telefone 274

Agência Funerária Capela

DE
AMÉRICO DIAS CAPELA

Serviço permanente

Chamadas a todas as horas

ESGUEIRA

AVEIRO—Telef. 304

PHILCO

Radio - Receptores — Radio - Gramofones

FRIGORIFICOS

Os mais recentes modelos em exposição
no Stand dos agentes em Aveiro

TRINDADE, FILHOS, L.^{DA}

FABRICA ALELUIA

AVEIRO

Azulejos - Louças
Painéis com Imagens

Dr. Rui Clímaco

MÉDICO ESPECIALISTA

Antigo interno da Clínica Psiquiátrica de Coimbra

Doenças do sistema nervoso

COIMBRA : Avenida Navarro, 6 - 1.º — Tel. 4445

Em Aveiro : Consultas todos os sábados às 13 h.

R. Conselheiro Luis de Magalhães, 43

Consultório Médico e Cirúrgico

Dr. Ernesto Barros

Consultas : Aveiro - Largo da Estação, n.º 5 - 1.º às 3.ªs, 5.ªs e sáb.ªs das 13 às 19.

Em Salgueiro e Nariz, às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs, das 14 às 17.

Telef. 167 — AVEIRO

Francisco Romão Machado

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Consultas às 15 h.

Rua Mendes Leite, 12-1.º

Telef. 460

AVEIRO

Mobylette
Bicyclette motorisée

A mais cómoda,
simples,
robusta,
silenciosa.

Não tem mudanças de velocidade
Não tem debrayage

Um conjunto motorizado para uso de toda a gente:
homens, senhoras e crianças.

Se V. Ex.ª é interessado na compra de uma bicicleta motorizada, não o faça sem experimentar a MOBYLETTE.

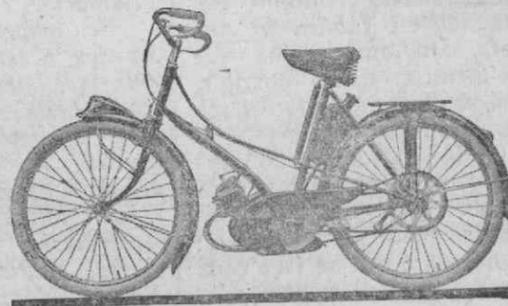
Agente no distrito de Aveiro :

Manuel de Oliveira Matos

Rua Eça de Queirós, 18

Telefone 438

AVEIRO



Auto-Comercial de Aveiro, L.^{da}

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 44 — AVEIRO

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Doutor Alvaro Sampaio, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faço saber que esta Câmara, em sua reunião ordinária de 19 de Fevereiro de 1951, resolveu introduzir algumas alterações ao Regulamento para a cobrança das Licenças de Abastecimento Comercial e Industrial, o qual passa a ter a seguinte redacção:

ART.º 1.º — A licença de estabelecimento comercial e industrial a que se referem os art.ºs 710.º e seguintes do Código Administrativo é devida pelas empresas singulares ou colectivas ou suas sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências ou estabelecimentos que exerçam qualquer ramo de comércio ou indústria neste concelho.

§ 1.º — Para os efeitos do disposto neste artigo, considera-se comércio ou indústria toda a actividade sobre que incida contribuição industrial ou imposto de natureza especial que a substitua.

§ 2.º — Estão isentos de licença de estabelecimento comercial ou industrial: 1.º — As empresas que exploram exclusivamente a indústria de espectáculos públicos, casinos, casas de recreio ou bilhares; 2.º — A indústria alugada de automóveis nos termos do parágrafo 3.º do art.º 121.º do Decreto n.º 18.406, de 31 de Maio de 1930, e do art.º 1.º do Decreto n.º 20.105, de 17 de Julho de 1931; 3.º — As empresas concessionárias de caminhos de ferro, nos termos do Decreto-Lei n.º 31.269, de 16 de Maio de 1941; 4.º — As empresas concessionárias de minas, nos termos do Decreto n.º 31.884, de 14 de Fevereiro de 1942; 5.º — Os vendedores ambulantes abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 34.520, de 23 de Abril de 1945, e os que sejam colectados em contribuição industrial pelo grupo A, que pagarão a licença de vendedor ambulante.

ART.º 2.º — As taxas de licença de estabelecimento comercial e industrial são as seguintes, aprovadas por despacho de Sua Excelência o Subsecretário de Estado das Finanças, publicado no Diário do Governo de 10 de Outubro de 1944: 55%, para as colectas do grupo A da contribuição industrial; 20%, para as colectas do grupo B; 45%, para as colectas do grupo C.

ART.º 3.º — A liquidação das licenças de estabelecimento comercial ou industrial terá por base o lançamento da contribuição industrial, ou as declarações, por escrito, dos contribuintes, quando se trata de sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências ou estabelecimentos que sejam colectados por outro concelho, mas corrigidas estas com elementos fornecidos pela fiscalização.

§ 1.º — As declarações compreenderão o ramo de comércio ou indústria, o rendimento líquido da sociedade ou empresa e o da sucursal, filial, agência, delegação, correspondência ou estabelecimento, devendo ser apresentadas na Secretaria da Câmara até 31 de Dezembro de cada ano, ou nos quinze dias seguintes aos do início da actividade tributada.

§ 2.º — As empresas isentas do pagamento de contribuição industrial ao Estado, mas não do pagamento de impostos municipais, pagarão licença de estabelecimento comercial ou industrial calculada sobre a base da contribuição industrial que lhes seria liquidada, segundo a lei, se não estivessem isentas.

ART.º 4.º — Até 31 de Março, a Secretaria da Câmara expedirá aviso a cada contribuinte sujeito a licença de esta-

Aveiro e Paços do Concelho, 7 de Março de 1951.

O Presidente da Câmara,

ALVARO SAMPAIO

belecimento comercial ou industrial, no qual se indique a importância total devida e o prazo do respectivo pagamento.

ART.º 5.º — As licenças de estabelecimento comercial ou industrial serão pagas eventualmente durante o mês de Abril de cada ano, ou nos trinta dias seguintes ao início da actividade tributada, quando se trate de estabelecimentos novos.

§ 1.º — Para os efeitos deste regulamento, consideram-se estabelecimentos novos aqueles cuja abertura se realize posteriormente ao mês de Abril de cada ano.

§ 2.º — Será permitido o pagamento da taxa da licença em duas prestações iguais, quando exceder mil escudos e o contribuinte declarar, até 30 de Janeiro, optar por tal modalidade, sendo a primeira em Abril e a segunda em Outubro. Esta declaração será feita em impresso próprio fornecido pela Secretaria da Câmara.

ART.º 6.º — Findos os prazos referidos no artigo anterior, poderão, ainda, as licenças ser pagas voluntariamente nos meses de Maio e Junho, se o pagamento se realizar por uma só vez ou quanto à 1.ª prestação, e nos meses de Novembro e Dezembro, quanto à 2.ª prestação, ou ainda nos 60 dias posteriores ao termo do prazo para pagamento das licenças, quando se trate de estabelecimentos novos, acrescendo, em todos os casos, os respectivos juros de mora.

ART.º 7.º — A falta de pagamento nos prazos fixados nos artigos anteriores será punida com a multa de importância igual ao imposto devido, mas nunca inferior a vinte escudos, nem superior a quinhentos escudos. Quando a falta de pagamento se refira à segunda prestação não haverá lugar à aplicação da multa, mas, findo o prazo fixado no artigo anterior, será o conhecimento debitado ao tesoureiro, para efeito de imediato procedimento executivo.

§ único — Na falta de pagamento da 1.ª prestação nos prazos fixados no § 2.º do art.º 5.º e no art.º 6.º, considera-se vencida toda a dívida, para efeito da aplicação das sanções previstas neste artigo.

ART.º 8.º — A falta de apresentação da declaração a que se refere o artigo 3.º, no prazo fixado, será punida com a multa de quinhentos escudos.

ART.º 9.º — No acto da liquidação da licença os contribuintes são obrigados a exhibir o recibo comprovativo do pagamento da contribuição industrial, ou da sua última prestação, ou, ainda, o duplicado da declaração a que se refere a Portaria n.º 6.305, de 5 de Agosto de 1929, quando se trate de novos estabelecimentos.

ART.º 10.º — A fiscalização das disposições deste regulamento e o levantamento de autos de transgressão pelas infracções verificadas, competem, exclusivamente, aos funcionários municipais.

ART.º 11.º — Este regulamento começa a vigorar oito dias depois da sua afixação nos lugares do estilo de todas as freguesias do concelho.

ART.º 12.º — (Transitório) — No corrente ano de 1951, a declaração a que se refere o § 2.º do art.º 5.º, poderá ser entregue na Secretaria da Câmara até 31 de Março.

DESPORTOS

maneira briosa e honrada como o alcançaram. Fizeram-se afirmações de fé no futuro do S. C. Alba, ao mesmo tempo que se exaltaram as qualidades do orientador técnico dos atletas campeões, Dr. Manuel Madeira, que recebeu uma ovação especial.

A festa terminou em ambiente de esufiante alegria. — A. V.

Basquetebol

Aveiro e o "Nacional", da I Divisão

O Sangalhos Desporto Clube, campeão da A. B. A., pela terceira vez participante na prova máxima do basquetebol nacional, teve uma estreia auspiciosa no campeonato iniciado no último sábado. Foi seu adversário a valorosa equipa do F. C. do Porto, actual Campeão Nacional da II Divisão. O conjunto baírradino conquistou um triunfo claro, revelador de predicados capazes dum papel de relevo. É certo que o «cinco» portuense alardeou técnica mais perfeita. No entanto, o Sangalhos supriu essa inferioridade actuando com velocidade endiabrada e com grande entusiasmo, o que tanto bastou para que o marcador lhe fôsse favorável por 33-20.

SALOMÃO

BATATA DE SEMENTE

De todas as variedades certificadas estrangeiras, vende agora mais barato a CASA DA LAVOURA de João Delgado, Rua Aires Barbosa n.º 9 a 95 — Aveiro — Telefone 209.

Agência Predial

Compra e venda de propriedades, empréstimos sobre hipotecas, arrendamento de casas, avaliações, etc..

Diamantino Simões Jorge

Travessa da Câmara Municipal, n.º 31 — AVEIRO

(Junto ao escritório do advogado Dr. Luís Regala)

Hipotecas

Sobre propriedades e automóveis. Máximo sigilo e rapidez.

Seguros em todos os ramos. Trata-se em Aveiro — Rua José Luciano de Castro, 68.

A Optica

Vende mais barato

Tel. 274

AVEIRO

Arca da Hotel

O único de Aveiro, á beira da ria, com quartos confortáveis e bom serviço de mesa.

Telefone 421

A maravilha dos Rádios

PHILIPS

São vendidos por intermédio dos Agentes Officiais

Garagem Central

AVEIRO - Tefel. 408

Agência Funerária Saraiva

DE

Joaquim Ferreira Saraiva

Sede: MAMODEIRO — Telef. 31

Filial: ROSSIO, 37 - AVEIRO — Telef. 437

Chamadas a qualquer hora

O Turismo é uma obra que depende de todos

(Continuação da 1.ª página)

apatia e indiferença do meio não conseguiram criar uma consciência turística em Aveiro.

Adquiriram uma boa lancha, publicaram alguns folhetos e cartazes, fizeram a propaganda que puderam, mas a afluência de turistas foi sempre diminuta, escassa, porque se esqueceram de que não basta ter uma ria maravilhosa, paisagem de doçura e encanto, uma ou outra riqueza artística que mostrar para chamar turistas.

É indispensável, para atrair quem vem gastar o seu dinheiro, que haja bons hotéis e restaurantes; confortáveis casas de espectáculo; ruas sem lama, sem poeira e sem covas; água boa e abundante; ambiente livre de gases mal cheirosos e incómodos; ar limpo de moscas importunas; e, finalmente, uma população acolhedora, afável, educada, cativante. E como esqueceram estas realidades, e como elas não existiam, o turismo em Aveiro limitou-se a uma ou outra excursão que chegava num dia e dali a poucas horas regressava ao ponto de partida.

Salvo melhor opinião, isto não é turismo. E não é porque não pode considerar-se turista um indivíduo que mal toma conhecimento do meio, que se mete numa lancha e dá um passeio na ria sem sequer conhecer a cidade, que não faz aqui centro de irradiação para as praias e estâncias termas próximas. Além disso, o que mais interessa ao país é atrair estrangeiros e Aveiro tem conhecido a visita de muito poucos. Para prender o turista é fundamental que ele se sinta bem, é indispensável criar-lhe centros de interesse que o entretendam e até fornecer-lhe comida que o console e satisfaça. Isto poderá ser um pormenor, mas a boa caldeirada também prende, também traz recordações. Há gente que aprecia um bom almoço e um bom jantar, e é preciso contar com estas pessoas. Elas também interessam à terra, à cidade.

É preciso arrumar a casa

Sem comodidades, sem atractivos, sem afabilidade e lhezana dos naturais, não pode haver turismo. Precisamos de arrumar e alinhar a nossa casa, que o mesmo é dizer a nossa terra, de modo que os hóspedes se sintam bem.

O seguinte episódio demonstra a veracidade do que afirmo. Em 1944, pouco tempo depois de ter tido a infeliz ideia de assumir o cargo de presidente da Câmara, conheci um lisboeta que resolveu, para tomar ar fresco e sair do braseiro de Lisboa, passar um fim de semana em Aveiro.

O sr. Oliveira chegou muito lépido no rápido da 1 hora da tarde, demorou-se na estação a despedir-se de uns amigos que seguiram para o Porto e, quando chegou ao Largo, teve a pouca sorte de já não

encontrar nenhum carro de aluguer.

Apareceu-lhe imediatamente um garoto descalço, sujo e andrajoso que lhe pegou nas malas, e o sr. Oliveira poz-se a caminho pela Avenida abaixo.

Ainda por azar estava um dia de nortada rija. As nuvens de poeira sucediam-se ininterruptamente e o nosso viajante, já maldizendo a hora em que tinha saído de casa, atravessou como pôde as barreiras de pó e chegou à então Pensão Arcada.

Pediu um quarto e que preparassem um banho. A criada, muito confusa, pediu desculpa e disse ao sr. Oliveira que a Pensão não podia dar-lhe um banho porque não havia água e a camionete da Câmara não tinha ainda enchido o depósito. O sr. Oliveira resolveu abalar para Lisboa, e no rápido das 7.30 da tarde regressou à capital, dando por mal empregado o tempo que perdera e o dinheiro que desbaratara. Que poderia fazer neste caso e noutros semelhantes a Comissão de Turismo? Que responsabilidade lhe cabia no facto da cidade não possuir os mais elementares melhoramentos de uma capital de distrito?

Com que convicção a Comissão de Turismo podia fazer reclame das belezas da sua terra, se não havia ambiente propício ao turista?

Sem água, sem pavimentos, sem esgotos, sem comodidades é lícito convidar alguém a visitar uma cidade?

Por isso, e revertendo ao que há pouco disse, os homens que fundaram a Comissão de Iniciativa e Turismo esqueceram estas realidades, as condições essenciais ao desenvolvimento da indústria do turismo.

A vida assenta sobre realidades e quem a quiser constuir sobre abstracções erra a existência.

É evidente que isto não constitui censura ou crítica às pessoas que quiseram tornar Aveiro conhecido, mas, passados vinte anos, verifica-se que o caminho traçado devia ter sido outro: refazer uma cidade que pouco mais era do que uma aldeia.

É claro que era preciso arranjar um pára-raios, um bode expiatório, e então a Comissão Municipal de Turismo passou a ser acusada de não fazer coisa nenhuma.

Mas que poderia ela fazer num meio nas condições em que nós o conhecíamos?

Competia-lhe arranjar as ruas, os esgotos, abastecer de água a cidade? Evidentemente que não.

A sua acção limitou-se, portanto, a subsidiar jornais e revistas; a emprestar mesas, cadeiras e toalhas; a acudir às aflições financeiras dos clubes da terra. Praticamente a sua acção pouco mais foi além disto.

Não costume encobrir o meu pensamento com meias palavras. Se o que digo não é a expressão da verdade, que se levante alguém a contestá-lo.

A altura de mudar de rumo

3—Ora chegou a altura de mudarmos de rumo, não porque a cidade esteja perfeitamente bem para receber turistas — há tanto que fazer ainda! —, mas porque podemos começar a preparar terreno para o futuro. Já temos alguma coisa. E o seguinte episódio, em contraste com o que contei há pouco a V. Ex.^{as}, vai demonstrá-lo.

Em 1949, no verão, surgiu em Aveiro o sr. Dr. Herculano Rocha com sua esposa, residentes em Lisboa. Vinham fugidos de Braga e do Porto onde o calor sufocava. Chegaram ao Hotel Arcada e tinham combinado partir no outro dia. No dia da sua chegada foram a S. Jacinto na lancha da carreira; visitaram o Parque e ali passaram, debaixo das tílias, horas de bem estar. Resolveram ficar para o dia seguinte. Nessa noite foram ao Cine-Avenida e ficaram deslumbrados. Visitaram a Barra e Costa Nova, foram ao Museu, percorreram a cidade. E, em vez de um dia, ficaram três, tecendo os melhores elogios ao aseo e à alimentação do Arcada-Hotel. (Já houve tempo em que isto não era assim).

Este episódio revela que vamos caminhando para o objectivo desejado: atrair turistas e rodeá-los de comodidades que prendam e cativem.

Campanha necessária

Parece-me, pois, oportuno que a Comissão de Turismo estude o problema da vinda de turistas a Aveiro e inicie uma campanha, não exagerada, porque é contraproducente ir além da verdade, por meio de publicações, de cartazes, de mapas, de roteiros, de ilustrações, de fotografias, de filmes. Mas, repito, não exagerar a realidade.

Não tenhamos ilusões de que Aveiro está muito longe de ser uma terra de turismo. Não vale a pena enganar-nos a nós próprios. Basta que façamos este propósito: tornar Aveiro uma cidade digna de ser visitada e dotá-la com os requisitos necessários a um centro turístico.

No prolongamento da sua actividade, a Comissão Municipal de Turismo não deixará de prestar o seu contributo a festas, a concertos, exposições, excursões, provas desportivas, à Feira, às procissões da Cinza e de Santa Joana, a tudo enfim que constitua motivo de atracção. Mesmo que seja criada a zona de turismo da ria, como se pensa, Aveiro será sempre, pela sua posição e pelos seus recursos, o centro dessa zona. Mas para ocupar esta situação de direito, precisa de preparar-se, de apetrechar-se, reunir as condições necessárias ao desenvolvimento da indústria do Turismo.

Também não lhe pode ser estranho o problema da mendicidade, o cuidado e o arranjo de pormenores e, neste as-

pecto, todos os aveirenses podem colaborar, desde os restaurantes, cafés, pensões, estabelecimentos comerciais, polícia, público, até à Câmara.

Não basta «vender» paisagem da ria, ter um Museu; é necessário conjugar tudo isso com outros factores. E estes, na sua grande maioria, têm de ser orientados, fiscalizados, e até acompanhados de perto pela Comissão de Turismo.

Há pessoas que persistem em viver de abstracções, de sonhos, de palavras. Temos de as acordar e dizer-lhes que, no seu próprio interesse, convém desenvolver o turismo e que dessa indústria todos lucram. Na Suíça 65.000 pessoas vivem do turismo.

De facto, não é apenas a indústria hoteleira que ganha com o turismo: são os transportes, os artefactos, os produtos regionais, o comércio em geral. Os forasteiros fazem compras, levam recordações, frequentam os cafés e os cinemas, gastam dinheiro que vem fortalecer a economia local.

Todos os grandes centros turísticos criaram os seus atractivos. Pensemos em criar também os nossos atractivos, partir de realidades, vencer o desinteresse da maioria dos aveirenses.

Por outro lado, cada um de nós pode ser polícia da sua terra. Como? Educando o povo, impedindo que os garotos estraguem os jardins, risquem os bancos, sujem as paredes, atirem cascas de frutas e papéis para a rua. Infelizmente tenho verificado que ninguém está disposto a zelar os interesses de todos porque ignoram que o que é público é da comunidade.

Ninguém tira a pedra que caiu no caminho por onde todos passam; ninguém se dá ao trabalho de afastar, com o pé, uma casca de banana do passeio; ninguém tem paciência de guardar o papel na algibeira para o depositar em receptáculos para esse fim colocados nalgumas ruas.

Esta educação é tão necessária como ter ruas bem pavimentadas.

É desagradável a um turista ver detritos de peixe ou de comida nas ruas, papéis e palhas no chão, águas sujas a correr nas valetas, e tudo isso, infelizmente, nós vemos em Aveiro. Por consequência todos os aveirenses podem colaborar na obra do aseo, do arranjo, do aspecto da cidade, sem o que o turista não afluê.

Temos de nos convencer de que o Turismo é incompatível com o desleixo, com a falta de higiene e conforto, com a falta de comodidades e bem estar.

E quando nos convenceremos destas verdades, teremos adquirido uma consciência turística.

Para servir [Aveiro não é preciso ser eloquente: basta que se sinta o afecto pela terra, que os seus melhoramentos e a sua grandeza nos emocionem,

nos encham de orgulho, que se seja bairrista de verdade.

O pesado encargo da nova Comissão de Turismo

4—A Comissão Municipal de Turismo, que acaba de tomar posse, assume, nesta hora, um pesado encargo. Não espere dela milagres. Estou certo de que vai procurar trabalhar com método, com plano previamente estudado, que vai inventariar o que se fez e falta fazer e, sobretudo, fiscalizar as suas receitas cada vez mais desfalcadas pela incompreensão dos mais directamente interessados—os proprietários de restaurantes e de pensões.

A tarefa não é fácil e carece dos esforços conjugados de todos os elementos que constituem a nova Comissão Municipal de Turismo.

Sei por experiência própria quanto é ingrato o trabalho que se realiza para benefício de todos; mas não importa. O homem não deve ser um inútil. Tem que lutar e lutar com a consciência de vencer.

A Comissão Municipal de Turismo que terminou o seu mandato agradeço o seu esforço; à Comissão Municipal de Turismo agora nomeada, ofereço a leal colaboração da Câmara e a todos agradeço, em nome da cidade, o sacrifício pessoal do seu contributo.

Oxalá os aveirenses bem intencionados saibam avaliar quanto custa servir a colectividade e façam inteira justiça às intenções e aos esforços de V. Ex.^{as}, senhor presidente e vogais da Comissão Municipal de Turismo, a quem saúdo e apresento os meus cumprimentos.

Palavras finais

As últimas palavras vão para as pessoas presentes, para lhes agradecer não só a sua comparência a este acto, mas também a resignação com que me ouviram.

Não formulei críticas, não tirei conclusões, não fiz profecias. Limitei-me a focar o problema do turismo nesta cidade à luz das realidades actuais. Não exageremos o que há, porque estamos longe de constituir um centro turístico. E com a consciência da nossa inferioridade neste campo, façamos tudo para melhorar a nossa terra, conjugando os nossos esforços com os da Comissão Municipal de Turismo agora nomeada.

A Imprensa cabe o principal papel desta tarefa. É através dela que a propaganda tem de ser feita.

Se todos contribuirmos, dentro da nossa esfera de acção, para o objectivo comum, teremos ajudado a Comissão de Turismo e criado, dentro de alguns anos, as condições necessárias ao desenvolvimento do turismo em Aveiro.

3/3/951

TENHO DITO.